

VERA LÚCIA DANTAS MATOS

**A MULHER NA PÓS-MODERNIDADE:
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, PAPÉIS SOCIAIS E
EMOÇÕES**

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso
de Psicologia do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília.

Prof. orientador: Maurício Neubern

Brasília/DF, Junho de 2005

Ao meu filho amado, por ter me acompanhado diariamente, em uma luta cansativa e estressante para concluir o curso de Psicologia, sem exigir muito de mim. Tantas vezes quis estar com ele e não pude. Tantas noites passei em claro estudando, enquanto ele me incentivava. Dedico a ele esta conquista!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir trilhar por esse caminho, tirando o maior aproveitamento possível do curso de Psicologia. Considero-me hoje uma pessoa melhor, como resultado de todo o aprendizado desses últimos cinco anos.

Aos meus pais, que tenho como exemplo de força, coragem e determinação.

À minha querida amiga/irmã Rosita, companheira inseparável nos estudos e na vida pessoal. Sou mais feliz desde que a conheci.

À minha querida amiga Daniela, pelo apoio incondicional e pelas risadas que me provocou durante todo o curso.

Ao meu amigo Serginho, por ter me mostrado que é possível negociar com as limitações, quando as circunstâncias impõem uma tensão entre os interesses de um grupo e a manutenção de uma amizade.

Ao meu orientador, Mauricio Neubern, pelos ensinamentos durante o curso e pelo apoio durante todo o desenvolvimento desta monografia. Não é por acaso que o chamo de “Meu querido Mestre”.

Aos professores que, da melhor forma possível, transmitiram seus conhecimentos, indo além, com uma atenção maior me acolhendo quando mais precisei, especialmente, Leida, Beatriz e Virginia Turra, pessoas queridas e inesquecíveis.

Um agradecimento carinhoso aos meus amigos e colegas Giselle, Leonardo, Aparecida, Maria Helena e todos os outros que sabem o quanto são queridos por mim, mas a limitação do espaço me impede de destacar.

Sumário

Introdução _____	6
Capítulo I – Cenário modernidade x pós-modernidade _____	11
Capítulo II – A formação da identidade da mulher _____	19
Capítulo III – Mulher x Maternidade x Profissão _____	24
Capítulo IV – Mulheres e homens: erotismo, casamento x relacionamento ____	31
Capítulo V – Mulher x Homem: aparência / forma física _____	43
Conclusões _____	48
Referências Bibliográficas _____	54

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo promover a reflexão sobre **a mulher no século XXI, sua identidade, papéis sociais e emoções**. As diversas mudanças promovidas ao longo dos últimos cinquenta anos passaram a delinear uma postura diferente da mulher diante da sociedade. O surgimento do **movimento feminista** afetou os papéis sociais, que eram restritos à esfera privada, tais como: filha, esposa, mãe, ou, timidamente desempenhados na esfera pública, na condição de educadoras ou cuidadoras, ampliando-os. Em paralelo à revolução feminina, aconteceram outros avanços, como o da tecnologia, da ciência, e a globalização, considerados marcos da época denominada como **pós-modernidade**. O tema foi desenvolvido a partir de uma breve contextualização do cenário moderno *versus* pós-moderno, notando que prevalece neste último a fragmentação e o imediatismo, sem verdades universais. Em seguida discorreu-se sobre a construção da identidade da mulher na atualidade. Verificou-se que a identidade é muito mais complexa; possui vários registros, expressando-se de forma dinâmica nas relações interpessoais, na maternidade e na profissão. Foi refletido, ainda, como a mulher vem se posicionando, de um modo geral, destacando alguns dos seus anseios e conflitos. Temas como erotismo, casamentos, relacionamentos e as contradições geradas a partir das novas situações, presentes na vida da mulher pós-moderna, também, foram discutidos. Comparou-se a mudança de comportamento das adolescentes de hoje em relação às jovens da década de 60, mencionando a influência exercida pela mídia, novelas e filmes na vida das pessoas. Além disso, questionou-se o padrão de beleza imposto pela sociedade atualmente. Observou-se que a forma física e juventude tornaram-se alvos constantes de cuidados e insatisfação. O mercado de cosméticos e produtos de beleza cresce cada vez mais; cirurgia plástica e outros procedimentos voltados para a estética são requisitados com uma frequência maior. Concluiu-se, portanto, que a emancipação feminina desencadeou um processo sem volta nos papéis sociais desempenhados pelas mulheres. Apesar disso, ainda sentem dificuldades em encontrar o equilíbrio quando se trata de relacionamentos amorosos. Já no campo acadêmico há a presença marcante das mulheres, buscando crescimento pessoal e profissional. Na política elas ocupam espaço e demonstram suas competências em termos de negociação e conciliação. Não se sentem intimidadas diante de oposições partidárias, nem diante do sexo oposto. No âmbito profissional pode-se observar um número infinitamente maior de mulheres que atuam em posições de comando, que gerenciam equipes compostas, na sua maioria, por homens e parecem lidar bem com essa situação, obtendo o respeito e a admiração de muitos. Por fim, sugeriu-se o desenvolvimento de mais pesquisas, com o objetivo de traçar um perfil da mulher e, também, do homem no início deste século, para tentar identificar os impactos na postura dessas pessoas diante do mundo, decorrentes das transformações constatadas pela pós-modernidade.

Introdução

As diversas mudanças ocorridas ao longo dos últimos cinquenta anos passaram a delinear uma postura diferente da mulher diante da sociedade. O surgimento do **movimento feminista** afetou os papéis sociais, que eram restritos à esfera privada, tais como: filha, esposa, mãe, ou, timidamente desempenhados na esfera pública, na condição de educadoras ou cuidadoras, ampliando-os. A contribuição da mulher como mão-de-obra produtiva, seu desenvolvimento acadêmico e sua participação ativa na política assinalaram uma nova ordem. Dessa forma, a mulher passou a galgar posições antes consideradas, exclusivamente, masculinas.

O feminismo tem uma longa história e em mais ou menos dois séculos muitos foram os trabalhos e as acções desenvolvidas no sentido de atacar a dominação masculina e promover a emancipação da mulher. Pode-se considerar que o objectivo principal do feminismo foi e continua a ser, a constituição de um espaço verdadeiramente comum aos homens e às mulheres, apelando para as teorias de igualdade (Collin, 1991, apud Nogueira, 2001, p.8).

Segundo Capra (1986, *in* Von Koss, 2000), o movimento feminista “é uma das mais fortes correntes culturais do nosso tempo e terá um profundo efeito sobre a nossa futura evolução” (p. 238). Hall (2004), também enfatiza isso ao afirmar que o feminismo “abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc” (p.45).

Em paralelo à revolução feminina, aconteceram outros avanços, como o da tecnologia, da ciência, e a globalização, que podem ser considerados marcos da época denominada como **pós-modernidade**. Para Santos (2003) a sociedade industrial, estabelecida no decorrer do século XIX, criou novas expectativas. Por um lado, ampliou a presença da mulher no mercado de trabalho. Por outro, estabeleceu alterações das perspectivas, sugeridas com o automatismo e a mecanização do

trabalho, com a regulação do tempo pelo relógio, com a aglomeração das pessoas nas novas cidades industriais que estavam surgindo.

Neste trabalho será abordado como a mulher se apresenta no século XXI, tendo-se como referência mulheres, com idade entre 25 e 40 anos, solteiras, classe média, com formação superior, embora muito do conteúdo ora exposto se aplique, também, a uma faixa etária mais extensa. O objetivo é promover uma breve reflexão sobre a mulher no início deste século, sua identidade, seus papéis sociais e suas emoções. Para tanto, inicialmente, serão apresentados alguns conceitos, de forma a facilitar o entendimento do leitor quanto à linha que será desenvolvida a partir dos capítulos a seguir.

Autores como Giddens (1993), Goldenberg (2000), Silva (2000), Nogueira (2001), Santos (2003), entre outros, têm contribuído teoricamente para que haja um entendimento maior dos impactos da **pós-modernidade**, verificados a partir da segunda metade do século XX. Para começar, Giddens (1991, *apud* Vaitsman, 1994) não considera as últimas décadas do século XX como uma pós-modernidade. Ele denomina como uma 'alta modernidade', "quando as conseqüências da modernidade se radicalizaram e universalizaram mais velozmente, unificando e desagregando o mundo, e 'esvaziando-se' o espaço e o tempo" (p.20).

A **pós-modernidade** espelha como característica uma vida cotidiana fragmentada, descontínua e heterogênea. "Desconstruir, enquanto noção de pós-moderna por excelência, recebeu o significado de provocar ruptura em algo que parecia unificado" (Vaitsman, 1994, p.38).

De acordo com Collin (1991, citado em Nogueira, 2001), "o pós-modernismo traz um questionar da razão e da ordem, e permite abrir um espaço de pensamento e de relação com o mundo, que poderá vir a alterar muitas noções, em particular, a noção de "feminino" e de "masculino" (p.159).

Como a identidade da mulher está sendo formada em meio a todas essas transformações? Este trabalho contempla pontos para reflexão sobre a construção da identidade da mulher na atualidade. Cowan & Kinder (1988), Silva (2000) e outros

autores descrevem a influência da mãe para a vida da criança, principalmente no caso da menina, que poderá ter sua mãe sempre como modelo de identidade.

Por volta dos dois anos, o processo de desenvolvimento da própria identidade começa e a menininha começa a imitar sua mãe mágica e poderosa. Aqui também ela aprende que a força vem do fato de se estar unida, ligada, próxima. Quando a menininha cresce, ela guarda uma forte e duradoura lembrança desta união idealizada ou de profunda intimidade (Cowan & Kinder, 1988 p. 18).

Para esses autores, a proximidade mencionada influenciará na construção da identidade da mulher, deixando-a com uma sensação de segurança, já registrada em seu subconsciente, fortemente associada à união com sua mãe. Este é um dos fatores que fazem com que as mulheres gostem tanto de proximidade e união. Giddens (1992) também pondera sobre a formação da identidade quando afirma que, para aquelas mulheres que lutam para se desvincular de papéis sexuais preexistentes, a questão *Quem sou?* emerge com ‘particular intensidade’.

Além desses pontos, surgem outras dúvidas para a mulher, merecendo uma atenção mais cuidadosa. Por exemplo, como conciliar satisfatoriamente o papel de profissional com a maternidade? Existe um padrão de mulher considerado dominante na pós-modernidade? O que pensam as mulheres, com idade entre 25 e 40 anos, que ainda estão solteiras? A julgar pelo que é apresentado em revistas e até em um bate-papo informal, muitas dizem que estão nessa condição por opção. No entanto, na intimidade revelam que gostariam de ter encontrado o parceiro ideal para com ele formar uma família. Isto denota uma certa contradição no discurso dessas mulheres, como será verificado neste trabalho.

Outro importante ponto a ser refletido, diz respeito à dinâmica dos relacionamentos entre homem e mulher. Até a metade do século passado, era esperado que a mulher casasse ainda virgem. A adolescente, convencionalmente, desempenhava o papel de “inocente”, ingênua para lidar com questões sexuais. Os rapazes pareciam apreciar namorar as garotas mais recatadas, alimentando, inclusive, essa perspectiva da manutenção da virgindade até ocorrer o casamento

(Giddens, 1992). Observa-se que os casamentos, antes mantidos por uma relação de subserviência da mulher ao homem, hoje funcionam em regime de companheirismo e igualdade entre os pares.

Apesar disso, no ponto de vista de Bauman (2003), a questão das relações flexíveis presente, provoca níveis de inseguranças cada vez maiores. Ele trata dos relacionamentos em redes, que são construídos e desfeitos com a mesma facilidade, muitas vezes mantendo-se, apenas, no contato virtual. Afirma que as pessoas não sabem mais manter vínculos afetivos a longo prazo, sendo essa uma das características dos tempos atuais, considerada por ele como a **era da modernidade líquida**.

É interessante notar que um adjetivo muito em evidência e que representa 'consistência' é a **plasticidade**. Vive-se numa época onde tudo é relativo, é maleável, tudo muda conforme os ditames da economia. Cabe aqui mais um tema para reflexão: exibe-se nos dias de hoje um modelo de beleza padrão a ser alcançado pelo público feminino, refletido no apelo exagerado ao consumo de roupas da moda, cremes e tratamentos cosméticos que visam conservar a juventude por mais tempo, fórmulas 'mágicas' para manter o corpo esbelto e outros recursos que retratam uma preocupação maior com a mulher. Isso, provavelmente, não acontece ao acaso, já que observa-se um **potencial consumista feminino**, significativamente, superior em relação ao masculino.

No capítulo I, trata-se a perspectiva teórica, discutindo o cenário moderno *versus* o pós-moderno. No capítulo II comenta-se que vários são os fatores que influenciam a formação da identidade de uma pessoa: determinismo biológico, aspectos psicodinâmicos, cultura, interação social, entre outros. No capítulo III será abordada a maneira como as mulheres estão se posicionando diante da maternidade e da profissão. De acordo com os argumentos utilizados essas mulheres estão em conflito, enfrentam desafios e novas vivências, sentindo-se, muitas vezes, profundamente solitárias. No capítulo IV focaliza-se os temas erotismo x casamento x relacionamento, trazendo diversos aspectos a serem refletidos. No capítulo V discute-se a questão da aparência/forma física, relacionando com a cobrança social em torno disso. Por fim, são apresentadas as conclusões gerais

deste trabalho, enfatizando a importância de ser realizada uma pesquisa, com o intuito de traçar um perfil da mulher e, também, do homem neste início de século, para tentar identificar os impactos na postura dessas pessoas diante do mundo, decorrentes das transformações constatadas pela pós-modernidade.

Capítulo I – Cenário modernidade x pós-modernidade

As transformações ocorridas nas últimas décadas, mais precisamente a partir da massificação dos meios de comunicação, da revolução feminina, e dos avanços tecnológicos, vêm apontando para uma mudança significativa nas relações sociais, inclusive no que diz respeito ao papel da mulher. Percebe-se que a constituição de identidade, o conceito de família e o desempenho de papéis nas relações de gênero, atendem a uma ordem diferente da praticada até meados do século XX.

Considerando, tal como Kimmel (1998), que tanto a masculinidade quanto a feminilidade hegemônicas, produzidas pela sociedade patriarcal, são “invisíveis” àqueles que tentam obtê-las como ideais de gênero, pode-se dizer que atualmente há uma maior consciência crítica das experiências e visões de mundos consideradas específicas de homens e mulheres (Goldenberg, 2000, p.34)

O feminino vem sendo discutido, freqüentemente, em revistas de grande circulação, nas rodas sociais, nos ambientes acadêmicos, além de ser objeto de pesquisas desenvolvidas por instituições conceituadas, que buscam entender as modificações efetivas iniciadas no período moderno, que se estendem até a atualidade, considerada como a **era pós-moderna**. Sabe-se que a **emancipação feminina** foi facilitada pelas transformações sociais trazidas pela era industrial. A mulher foi convocada para o trabalho *extradoméstico*, tendo como conseqüência a revisão de todos os seus papéis tradicionais. Segundo Toscano (1998, p.100), “tal revisão incluía novas atitudes por parte do universo masculino quanto a outros protagonismos femininos, fora dos estritos limites da casa e da família”.

Vários autores, tais como: Giddens (1993), Goldenberg (2000), Silva (2000), Nogueira, (2001), Santos (2003), entre outros, contribuíram teoricamente para que haja um entendimento maior dos impactos da pós-modernidade, verificado a partir da segunda metade do século XX. Eles refletiram sobre alguns dos diversos aspectos que influenciaram tais mudanças, discutindo desde questões de ordem econômica, social e política até s de ordem emocional e de gênero. Sobre esta última, Nogueira (2001) enfatiza que:

Inserida no paradigma positivista racionalista, a psicologia social pôde começar a estudar as mulheres, incorporando-as na ciência. Desde os estudos acerca das diferenças associadas ao sexo de pertença, passando pelas críticas a esses trabalhos, à apresentação de novas teorias (androginia, por exemplo) até à introdução do termo gênero nas pesquisas, toda esta evolução se foi construindo pelo “entrelaçar” de diferentes teorias e perspectivas provenientes, quer das teorias feministas, quer do debate ao nível da construção do conhecimento e epistemologia positivista característico de todo o período da modernidade (p.8-9).

De acordo com Santos (2003), o projeto sócio-cultural da modernidade se apóia em dois pilares fundamentais: o pilar da regulação e o pilar da emancipação. Cada um desses pilares é constituído por três princípios. O **pilar da regulação** é constituído pelo princípio do Estado, articulado, principalmente, por Hobbes; pelo princípio do mercado, defendido por Locke; e pelo princípio da comunidade, formulado por Rousseau. O **pilar da emancipação** é constituído pela racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura; a racionalidade moral-prática da ética e do direito; e a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica. Há, ainda, uma ligação por cálculos de correspondência entre esses dois pilares e seus respectivos princípios.

Para efeito de discussão no presente trabalho considerar-se-á a questão do **princípio do mercado**, que tem uma correspondência específica com a racionalidade cognitivo-instrumental. Para o referido autor, isso se deve ao fato de que no princípio de mercado “se condensam as idéias da individualidade e da concorrência, centrais ao desenvolvimento da ciência e da técnica, como também porque já no século XVIII são visíveis os sinais da conversão da ciência numa força produtiva” (*id.*, p.61). Com efeito, o mercado determinou uma mudança social muito grande, graças a geração de riquezas que propiciou.

O projeto sócio-cultural da modernidade constituiu-se entre o século XVIII e final do século XIX. A partir daí, o trajeto histórico da modernidade está ligado diretamente ao desenvolvimento do capitalismo nos países centrais. “O

desenvolvimento do mercado está representado no crescimento vertiginoso da industrialização, na crescente importância das cidades comerciais, na primeira expansão das novas cidades industriais” (*id*, p.81).

Segundo Santos (*ibid.*), a modernidade cultural foi construída com a modificação do capitalismo, em sua natureza industrial, a qual ampliou a oferta de bens de consumo para uma nova escala mais numerosa e dinâmica. A sociedade industrial, afirmada no decorrer do século XIX, criou novas expectativas para o trabalho e a nova mentalidade que estava se formando. Por um lado, ampliou a presença da mulher no mercado de trabalho. Por outro, estabeleceu alterações das perspectivas, sugeridas com o automatismo e a mecanização do trabalho, com a regulação do tempo pelo relógio, com a aglomeração de milhares de pessoas nas novas cidades industriais que estavam surgindo, bem como a caracterização das novas metrópoles internacionais, demonstrando de forma patente o desenvolvimento do mercado.

A industrialização e a conseqüente modernidade cultural, relacionada com o predomínio da população urbana sobre a rural, só pôde ser evidenciada a partir da segunda metade do século XX. As diversas mudanças ocorridas ao longo dos últimos cinquenta anos passaram a delinear uma postura diferente da mulher diante da sociedade. Sabe-se que o surgimento do **movimento feminista** gerou uma grande transformação dos valores e das práticas sociais nas relações entre os gêneros. Hall (2004) confirma isso ao afirmar que o feminismo “abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc” (p.45).

A partir de então, a contribuição da mulher como mão-de-obra produtiva, seu desenvolvimento acadêmico e sua participação ativa na política assinalaram uma nova ordem. Os papéis sociais, antes restritos à esfera privada, tais como: filha, esposa, mãe, ou, timidamente desempenhados na esfera pública, na condição de educadoras ou cuidadoras, foram ampliados. Essa mulher passou a galgar posições antes consideradas, exclusivamente, masculinas. De acordo com Capra (1986, *in* Von Koss, 2000), o movimento feminista “é uma das mais fortes correntes culturais

do nosso tempo e terá um profundo efeito sobre a nossa futura evolução” (p. 238). Nas últimas décadas, inclusive, muitas discussões em torno da reavaliação do papel do homem e da mulher foram intensificadas. Até porque o reflexo disso nas relações familiares aponta para a necessidade de um entendimento maior das mudanças de valores sociais, observadas desde então. Nogueira (2001) relata que:

O período que decorreu a partir dos anos 60 não teve precedentes no que diz respeito à quantidade de trabalhos e debates sobre o feminismo: poucos aspectos da vida intelectual ou acadêmica que são hoje analisados se podem considerar imunes a qualquer influência feminista. Como resultado das lutas dos movimentos feministas muitos dos aspectos que afectavam a vida das mulheres tornaram-se pontos importantes de debate e de estudo nos meios académicos. As mulheres, que durante tanto tempo estiveram ausentes da história, começaram a tornar a sua existência visível, e conseqüentemente a problematizar as questões do sexo/gênero (p.8).

O **princípio do mercado** adquiriu uma expressão maior a partir da segunda metade do século passado. No plano econômico houve um crescimento surpreendente do mercado mundial; surgiram as empresas multinacionais; os processos produtivos foram automatizados, combinando com custos mais baixos dos transportes. Como enfatiza Santos (2003):

(...); a expansão extensiva do mercado corre paralela à sua expansão intensiva com a crescente diferenciação dos produtos de consumo, um certo abandono da grande produção em massa com o objetivo de promover a particularização dos gostos e o aumento das escolhas; finalmente, a mercadorização e a digitalização da informação abrem perspectivas quase infinitas à reprodução alargada do capital (p. 88-89).

A partir daí, surgem novas práticas de mobilização social, novos movimentos sociais voltados para reivindicações ligadas à ecologia, pacifismo, não proliferação nuclear. Além disso, emerge a questão do capitalismo também produzir a diferença sexual e a diferença racial – vide movimentos feministas e movimentos anti-racistas. Santos (*ibid.*) alerta que:

Todas estas transformações parecem apontar para uma desregulação global da vida econômica, social e política. Na verdade, nenhum dos princípios da regulação, quer seja o mercado, quer seja o Estado, quer seja a comunidade, parece capaz de, por si só, garantir a regulação social em situação de tanta volatilidade, mas o mais trágico é que a articulação de todos eles no sentido de convergirem numa nova regulação parece ainda mais remota (p.89).

Na análise da contemporaneidade é útil remeter-se à idéia de espaço e de tempo, que na visão de Harvey (1989) são categorias básicas da existência humana. Para esse autor, entende-se o espaço e o tempo a partir de atribuições do senso comum ou auto-evidentes, discutindo o seu sentido muito raramente. No entanto, observa-se que há uma diversidade de sentidos para essas duas categorias, de acordo com as diferentes sociedades ou, ainda, de diferentes subgrupos. Desse modo, pode-se afirmar que “as concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social” (*ibid*, p.189).

De acordo com Santos (*ibid.*), há nas sociedades capitalistas quatro espaços políticos estruturais: espaço-tempo mundial, espaço-tempo doméstico, espaço-tempo da produção e espaço-tempo da cidadania. O **espaço-tempo mundial** trata das relações sociais entre sociedades territoriais. Questões como a explosão demográfica, a globalização da economia e a degradação ambiental, também, estão presentes. Há uma crescente relevância nesse espaço-tempo, em função da intensificação da globalização e das interações “transnacionais”, devido ao poder conformador das suas influências no interior dos demais espaços-tempo.

O **espaço-tempo doméstico** configura-se como o espaço privilegiado de reprodução social, sendo constituído pelas relações entre os membros da família. “As relações sociais familiares estão dominadas por uma forma de poder, o patriarcado, que está na origem da discriminação sexual de que são vítimas as mulheres” (*ibid*, p. 301). Essa discriminação existe também em outros espaços, mas, certamente, origina-se do patriarcado. Daí o movimento feminista ter politizado o

espaço doméstico, levando as mulheres a posicionar-se em relação a questões consideradas, eminentemente, masculinas. Passaram a aspirar uma vida acadêmica mais expressiva, buscando cursos que reforçassem/ampliassem seus anseios de um destaque profissional. Avançaram, mesmo sofrendo discriminação, mas não se deixaram abater no seu propósito maior: relações igualitárias entre gêneros.

As mudanças trazidas à família pelo capitalismo industrial não impuseram um fim imediato do patriarcado. “Os homens continuavam a assumir a supremacia política e pública na sua figura de chefes de família, estando as mulheres ausentes da esfera pública e política, apesar de se assistir a alguma variabilidade dependente da classe social de pertença” (Reskin&Padavic, 1994, *apud* Nogueira, 2001, p.155). Ainda assim, muitas mulheres das classes menos abastadas, especialmente as solteiras, trabalhavam fora de casa, conseguindo escapar, de certa forma, da supervisão paterna e dos maridos. Já as mulheres da classe média, que tinham os seus papéis restritos à esfera privada, sentiam de perto o controle masculino (Santos,2003)

O **espaço-tempo da produção** engloba as relações sociais que produzem bens e serviços para atender às necessidades tal como elas se apresentam no mercado. Em termos globais, pode-se afirmar que nas últimas décadas a produção tem aumentado, como resultado da crescente mercadorização da satisfação de necessidades, alimentando o consumismo. Segundo Santos (*ibid*, p. 309), “o crescimento infinito da produção ocorre simetricamente com o crescimento infinito do consumo e cada um deles alimenta-se do outro”.

Por fim, o **espaço-tempo da cidadania**, conforme o já citado autor, envolve as relações sociais entre o Estado e os cidadãos, compreendendo, ainda, a comunidade, em uma dimensão, de certa forma, autônoma. A forma de poder gerada neste espaço-tempo é de diferenciação desigual e que produz desigualdade. O posicionamento da mulher é visto de forma mais consistente. A sua participação efetiva na política, tem como uma das possibilidades minimizar a discriminação e o preconceito nas questões de gênero. O engajamento delas tem sido mais expressivo nos meios acadêmicos, à frente de organizações não governamentais, entre outros.

Suas dificuldades, em muito, são superadas, revelando uma mobilização efetiva e crescente, no sentido de valorizar cada vez mais o papel feminino na sociedade.

Em suma, a trajetória da modernidade foi traçada a partir do desenvolvimento do capitalismo, influenciando diretamente as relações sociais e empresariais. Mas como isso se reflete na situação atual? Bauman (1999) afirma que há algo de novo no nosso ponto de observação. O referido autor prossegue dizendo que:

(...) podemos agora (melhor ainda, estamos preparados para e dispostos a) ter uma visão fria e crítica da modernidade na sua totalidade, avaliar o seu desempenho, julgar a solidez e congruência da sua construção. É isso, em última análise, que representa a idéia de pós-modernidade: uma existência plenamente determinada e definida pelo fato de ser “pós”, posterior, e esmagada pela consciência dessa condição. A pós-modernidade não significa necessariamente o fim, o descrédito ou a rejeição da modernidade. Não é mais (nem menos) que a mente moderna a examinar-se longa, atenta e sobriamente, a examinar sua condição e suas obras passadas, sem gostar muito do que vê e percebendo a necessidade de mudança (p.288).

Para Holanda (1990, p.4, *apud* Vaitsman, 1994, p.21) o **pós-moderno** é visto como uma “consciência da crise do projeto moderno que oferece novas condições para a releitura e a crítica desse projeto”. Jameson (1984, *apud* Vaitsman, 1994, p. 19) considera o pós-moderno como um “dominante cultural: uma concepção que permite a presença e a coexistência de um espectro de características muito diferentes, ainda que interdependentes (p.16)”. Para esse último autor, nas tendências pós-modernas inexistente um padrão dominante a ser seguido. Outra visão que confirma esse conceito é apresentada por Collin (1991, *apud* Nogueira, 2001), ao enfatizar que “o pós-modernismo traz um questionar da razão e da ordem, e permite abrir um espaço de pensamento e de relação com o mundo, que poderá vir a alterar muitas noções, em particular, a noção de “feminino” e de “masculino” (p.159).

Em suma, a partir da década de 50 do século XX, observou-se que o projeto da modernidade, desenvolvido desde o século XVIII, era incapaz de delimitar as

novas transformações materiais e subjetivas que o mundo experimentara com o fim da II Guerra Mundial. Neste ato, haveria uma valorização do particular sobre o universal, do fragmentário sobre a totalidade, do micro sobre o macro. Passou a ocorrer uma pulverização dos grandes temas imanentes à condição humana para uma multiplicidade de questões pontuais, que satisfariam necessidades convenientes a uma dada situação.

No campo da arte deixa de existir um padrão unificador e permite-se uma interligação de técnicas e estilos diversos. No campo da economia há uma profusão do consumo, permitindo uma especialização flexível do capitalismo em uma ordem transnacional. No campo da crítica cultural há um domínio do setor de serviços e informações sobre a produção industrial (Vaistman, 1994). Vê-se, portanto, o incremento da heterogeneidade das sociedades contemporâneas que, mesmo obedecendo a uma ordem de padronização que as engloba em caráter universal, aprofunda esta mesma ordem, tornando-a profusa e múltipla. Assim se pronuncia a pós-modernidade, atenta às bases racionalistas e funcionalistas da modernidade que a antecedeu, mas configurando uma (des)ordem de fragmentação, heterogeneidade e multiplicidade.

Capítulo II – A formação da identidade da mulher

Vive-se uma época de grandes transformações. Após a revolução industrial, fatos marcantes como: as duas guerras mundiais; a revolução tecnológica; e a revolução feminina, contribuíram de forma significativa para mudanças. Como uma identidade pode ser formada em meio a tudo isso? Neste capítulo pretende-se refletir sobre a construção da identidade da mulher na atualidade.

Hall (2004), distingue de forma simplificada, três concepções muito diferentes de **identidade**, cuja mudança ocorreu progressivamente. A primeira refere-se ao sujeito do Iluminismo, que estava baseada numa noção do indivíduo como um ser totalmente centrado, unificado, possuidor das capacidades de razão, de consciência e de ação; ele detinha um núcleo interior oriundo desde o seu nascimento, desenvolvendo-se ao longo da sua vida, ainda que fosse mantida a sua essência. Essa concepção além de ser individualista, descrevia o sujeito do Iluminismo como masculino. A segunda refere-se ao sujeito sociológico, que devido à complexidade do mundo moderno, teria a identidade formada na sua interação com a sociedade. A idéia de essência interior permanece, mas essa é formada e modificada no contato contínuo com os universos culturais exteriores e as identidades ali inseridas. “Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (p.12). A terceira e última diz respeito ao sujeito pós-moderno, que é destituído de uma identidade fixa, permanente; vem se tornando fragmentado, compreendendo várias identidades, sendo por vezes contraditórias ou não resolvidas. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987, *apud* Hall, 2004).

Vários são os fatores que influenciam a formação da identidade de uma pessoa: determinismo biológico, aspectos psicodinâmicos, cultura, interação social, entre outros. Silva (2000) defende que o determinismo biológico é um dos fatores que leva uma menina a ser vista e sentir-se como um ser que falta algo, de acordo

com a influência da civilização. O referido autor reforça esse argumento, ao afirmar que:

A inexistência do pênis leva a garotinha a ser vista – e a sentir-se – como um ser defeituoso, no qual falta algo e que, em consonância com a influência da cultura e da civilização, transforma a mulher nesse “produto intermediário entre o macho castrado e o castrado que qualificam de feminino”. Sem querer entrar na polêmica tese freudiana da ‘inveja de pênis’, parece-me bastante aceitável a idéia, esposada por alguns expoentes da psicanálise, segundo a qual a garotinha tende a considerar o próprio sexo como um ferimento resultante de uma mutilação e, por essa via, sentir-se inferiorizada (p.115).

Hite (2004), também chama a atenção para esse aspecto, dizendo que na relação mãe-filha é produzido um trauma bem cedo, quando a menina (entre um e três anos) percebe que o corpo da sua mãe é diferente do seu, e ao aproximar-se, movida pela curiosidade, para tocá-lo nas partes mais íntimas, é logo repreendida.

Ela tem seios, quadris arredondados, pêlos pubianos. Essa parte “mágica” do corpo de sua mãe, de onde ela nasceu, a intriga e desperta uma série de perguntas. Para o menino, seu corpo não é tão diferente do de seu pai, embora seja menor : é uma espécie de modelo reduzido do corpo do pai. Além disso, o pênis do pai é visível para o menino (no chuveiro, enquanto ele se veste, etc.), ao passo que a vulva da mãe praticamente nunca é visível” (p.118).

Em vista disso, cabe mais uma reflexão: os adultos, principalmente do sexo feminino, que convivem de forma mais próxima com as crianças, como por exemplo: mães, babás, tias, costumam supervalorizar o pênis do menino, dando apelidos carinhosos, chegando a ponto de tratar como se fosse uma outra pessoa, separada, e até mais importante que o menino. Por que então, nada parecido com isso acontece com as meninas? O comportamento adotado é diferente, resume-se basicamente à limpeza do órgão genital; fora isso, é como se este não existisse. De acordo com o ponto de vista de Hite (*id.*, 2001), a menina não sente a ausência do

pênis, mas percebe a diferença em relação ao menino. A postura e a influência dos adultos que os cercam é que pode levá-la a sentir essa diferença como inferioridade.

Segundo Beauvoir (*apud* Silva, 2000) a diferença que é destacada na infância para a menina é o fato de que para urinar ela deverá agachar-se, despir-se, procurar fazer isso em um lugar “escondido”. Já para os meninos, que urinam em pé, é como se fosse uma brincadeira; eles podem ficar “mirando os jatos” para onde desejarem com plena liberdade, muitas vezes disputando jatos com outros meninos, o que lhes dá um sentimento de onipotência. Hite (2004), é outra autora que argumenta com relação ao tratamento dispensando às crianças no tocante à sexualidade. A diferença que existe entre os banheiros destinados ao público feminino e ao público masculino, reforça para as meninas a idéia de que elas devem evitar mostrar seus órgãos sexuais (que por sinal já são bastante ‘escondidos’). Em contra-partida, os meninos acostumam-se a exibí-los nesses ambientes sem sofrer qualquer tipo de restrição, o que faz com que eles ajam com naturalidade em relação ao próprio corpo. Esses aspectos não podem ser considerados à parte da construção da identidade, pois a forma como cada um lida com seu corpo interfere na sua atitude diante do mundo.

Cowan & Kinder (1988) seguem uma outra linha, quando descrevem a influência da mãe para vida da criança, afirmando que todo bebê sente-se seguro ao manter-se unido a ela. Ressaltam que isso é resultado da proximidade, que vai permanecer, para sempre, associada à segurança, enfatizando que:

Por volta dos dois anos, o processo de desenvolvimento da própria identidade começa e a menina começa a imitar sua mãe mágica e poderosa. Aqui também ela aprende que a força vem do fato de se estar unida, ligada, próxima. Quando a menina cresce, ela guarda uma forte e duradoura lembrança desta união idealizada ou de profunda intimidade (p. 18).

Para os autores mencionados, a proximidade influenciará na construção da identidade da mulher, deixando-a com uma sensação de segurança, já registrada em seu subconsciente, fortemente associada à união com sua mãe. Este é um dos fatores que fazem com que as mulheres gostem tanto de proximidade e união.

Silva (2000) reforça essa idéia ao mencionar a influência que a natureza e a qualidade das relações mantidas pela mãe com sua filha, ainda na infância, exercem no seu desempenho como mulher quando adulta. Já Giddens (1992) também reflete sobre a formação da identidade quando afirma que, para aquelas mulheres que lutam para se desvencilhar de papéis sexuais preexistentes, a questão “*Quem sou*” emerge com particular intensidade. Ele prossegue destacando que “a questão é de identidade sexual, mas não apenas isso. Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro” (p. 41).

Vaitsman (1994) defende a idéia de que a construção da identidade da mulher foi reformulada a partir dos anos 60, devido à sua maior participação na esfera pública, no âmbito profissional, educacional, científico, político e cultural. Para a referida autora, isso foi o começo da deterioração das bases da família conjugal moderna. O fato é que, atualmente, há algo de mais denso na busca dessas mulheres, que questionam os papéis sexuais já estabelecidos. Parece um movimento de resgate à individualidade, ao seu jeito próprio de ser, que transpassa a orientação materna, os ditames da moda, e a imposição social. É no ‘aqui e agora’ que elas insistem em descobrir quem são e onde querem chegar.

Do que foi exposto até agora, pode-se afirmar que a dinâmica da formação da identidade é muito mais complexa; não ocorre pontualmente, numa fase da vida; é um processo desenvolvido ao longo do tempo, no qual a pessoa pode ter rupturas consigo mesmo, recriar-se, inovar-se. Os vários registros da identidade da mulher expressam-se nas relações interpessoais, na maternidade e na profissão, como será visto nos próximos capítulos. Em tempos pós-modernos Vaistman (1994, p.190) pondera que:

A identidade, como o casamento e a família, também tornou-se plástica e flexível, mas isto não quer dizer que o indivíduo tenha anulado sua individualidade ou, mais ainda, transformando-se em simulacro do humano. Ele não perdeu sua capacidade de sentir, criar e produzir mudanças; ainda quer algum tipo de segurança e estabilidade, não se deixando,

necessariamente, atolar nas 'correntes de mudanças caóticas e fragmentárias, como isso fosse tudo o que existisse. Há sempre resistência, invenção e construção de novos caminhos de interação e formas de sociabilidade.

Capítulo III – Mulher x Maternidade x Profissão

Desde a revolução feminina o papel da “Amélia”, aquela dona de casa exemplar, esposa dedicada e mãe cuidadosa, sofreu transformações. Naquela época, boa parte das mulheres se cansou dessa condição e sentiu necessidade de trabalhar. Elas não sabiam ao certo o que fazer, mas, ainda assim, saíram de casa em busca de alguma atividade que pudesse promover a sua autonomia financeira. Só não contavam com o fato de que teriam que trabalhar em três turnos. Isso se mostrou como uma situação “estressante” e cansativa. Na realidade, por mais que possam manter alguém para cuidar das tarefas domésticas, há a preocupação com essa administração, com o acompanhamento do crescimento dos filhos e com a manutenção de uma relação agradável com o marido.

A autora desta monografia constatou, por meio de contatos mantidos com várias mulheres que atravessavam a adolescência na década de 70, pertencentes à classe média, que suas mães costumavam prepará-las para um futuro independente. Era comum que usassem conselhos do tipo: “procure não depender de um homem; seja dona da sua vida; estude e cresça profissionalmente antes de pensar em formar família; não permita que homem mande em você; não se torne esposa/empregada de homem; não deseje uma vida igual a minha para você”. Provavelmente, isso deve ter influenciado a postura dessas jovens diante da vida, contribuindo para uma mudança de foco, em termos de papéis sociais.

Mas, o que pensam as mulheres, com idade entre 25 e 40 anos, que ainda estão solteiras? A julgar pelo que é apresentado sobre o tema em revistas de grande circulação e até em um bate-papo informal, muitas dizem que estão nessa condição por opção, pois preferem buscar a autonomia financeira antes do casamento e reconhecem que é difícil conciliar as duas coisas. No entanto, na intimidade revelam que gostariam de já ter encontrado o parceiro ideal e com ele formado uma família, o que denota uma certa contradição no discurso dessas mulheres.

Há, também, as que afirmam que não encontram homens dispostos a um relacionamento maduro, sem ser necessariamente um casamento, no qual tanto o

homem quanto a mulher atuem em igualdade de condições. Enfatizam que a independência delas causa “certo medo” a esses homens. Será, de fato, que os homens sentem medo de mulheres independentes? Para Rubin (1989, p.61, *apud* Giddens, 1992, p.20-21) “a maior parte dos homens aceita bem o fato de as mulheres terem se tornado mais disponíveis sexualmente, e declaram que em qualquer vínculo sexual prolongado desejam uma parceira que seja intelectual e economicamente igual a elas”. Giddens (1992), reflete, no entanto, que é perceptível um desconforto por parte deles, quando se deparam com as implicações dessas preferências. Alguns chegam a afirmar que as mulheres perderam a capacidade de entrar em acordo, ou que não desejam ser esposas.

Afinal, pode-se dizer que existem padrões de mulher? Goldenderg (2000) admite existir muitas variações possíveis, mas pensa em três modelos de mulher. O **primeiro modelo** refere-se à mulher que decidiu ser esposa e boa mãe, deixando para um segundo momento a profissão e estudos, quando os filhos já estivessem maiores. O **segundo**, evidencia a mulher que decidiu não ter filhos, direcionando sua vida para a ascensão profissional, competindo com os homens nas mesmas condições de igualdade. O **último modelo** retrata a mulher que investe nas duas escolhas: ser mãe e, também, ser profissional.

Na opinião da referida autora (*ibid.*) as mulheres brasileiras estão trabalhando mais para viver ou sobreviver do que para se realizar. Ela prossegue dizendo que:

O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro foi uma das transformações sociais mais marcantes ocorridas no país desde a década de 1970. O ingresso acentuado da mulher no mercado de trabalho ocorreu em função de alguns fatores, tais como: a necessidade econômica, a elevação da expectativa de consumo; as mudanças econômicas e a abertura de novos empregos; o movimento feminista; a queda da fecundidade e a expansão da escolaridade, com o ingresso das mulheres nas universidades (p. 108).

Admite-se que há muitos casos em que a luta pela sobrevivência é o fator determinante, não cabendo a opção entre trabalhar ou cuidar da família. Entretanto, na classe média, a possibilidade de ter uma vida com mais conforto, manter os filhos em bons colégios, proporcionar atividades de lazer e cultura para a família, é que parece direcionar a mulher em busca de uma colocação profissional que possa suprir essas necessidades. Pode-se considerar, também, o desejo de crescimento pessoal e de independência financeira, como motivadores para sua inserção no mercado de trabalho.

Maternidade

Com relação ao anseio natural em exercer a maternidade no momento biológico mais adequado, verifica-se que isso coincide, justamente, com o período em que a mulher decide investir na carreira profissional. Isto se constitui numa grande fonte de conflito. E por qual motivo? De imediato, pode-se pensar em pelo menos dois: a parada obrigatória em função da licença maternidade, interrompendo um processo de ascensão; e a discriminação que parece continuar presente nas organizações, cujo argumento é de que não podem contar com ela em todos os momentos por conta de possíveis ausências, impedimento para viajar, entre outros motivos. Lobos (2003) reflete sobre esse tema, dizendo que o fato de ser mulher não é prejudicial e sim ser mãe. O referido autor menciona que:

No Brasil, uma enquete feita pela consultoria KPMG com 40 executivas, das quais 25 com filhos, mostrou que 60% delas consideravam o afastamento por licença-maternidade – quatro meses – prejudicial à carreira. Um grupo ainda maior (80%) reconhecia a tendência a se encurtar esse período, por “medo de perder o espaço na empresa ou receio de se desatualizar” (p.45).

Considerando o aspecto da urgência em ser mãe no momento mais adequado, Cowan & Kinder (1988), enfatizam que:

Mulheres em fase de ter filhos – entre os 25 e 40 anos – estão, em número cada vez maior, ansiosas para se casarem e começarem uma família enquanto ainda podem. Além do mais, muitas destas mulheres descobriram

que uma vida orientada para uma carreira profissional não é tão completa quanto pensavam. Assim, um tanto desiludidas e dolorosamente cientes de seus relógios biológicos, muitas mulheres solteiras desta geração querem encontrar um homem e criar laços estreitos com ele (p. 14).

Esse desejo da maternidade, certamente, faz com que muitas mulheres busquem um homem que tenha o perfil de bom pai e de bom marido. Von-Koss (2000) aborda a questão da produção independente, em que a mulher detentora de autonomia financeira, que deseja ter um filho, não tem restrições de ordem biológica, mas está sem parceiro, pode recorrer à inseminação artificial. Ele sugere, ainda, que a mulher considera isso uma vantagem, pois dessa forma ela não precisa dividir nada com o pai da criança; nem o afeto, nem a posse, tampouco a educação. Será que as mulheres, de um modo geral, encaram esse procedimento, aparentemente frio e calculista, por opção ou como último recurso para ter um filho? Valeria a pena uma pesquisa que envolva as clínicas de fertilização, para saber que fatores influenciam a decisão dessas mulheres.

Para Leite (1996) a inseminação artificial nesses casos, torna o homem desnecessário. A concepção passa a ser uma decisão unilateral, dispensando o ato sexual. Já Giddens (1992) encara de outra forma essa questão, afirmando que:

Agora que a concepção pode ser artificialmente produzida, mais que apenas artificialmente inibida, a sexualidade fica afinal plenamente autônoma. A reprodução pode ocorrer na ausência de atividade sexual; esta é uma “libertação” final para a sexualidade, que daí em diante pode tornar-se totalmente uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas”(p. 37.)

Tudo isso suscita uma outra reflexão: será que essas mulheres estão sabendo criar os homens de amanhã? Hite (2004) chama a atenção para dados obtidos em suas pesquisas sobre homens e meninos, enfatizando que ficou surpresa ao descobrir que os garotos criados apenas pelas mães relacionavam-se melhor com as mulheres na fase adulta. “Cerca de 80% dos homens que vinham desse tipo de família tinham tecido laços fortes e duradouros com uma mulher, no

casamento ou numa relação a longo prazo, contra 40% para aqueles criados em famílias com pai e mãe” (p.157). A referida autora prossegue com seus comentários, afirmando que isso não quer dizer que a família composta nos moldes tradicionais (pai e mãe) não possa passar por uma transformação que propicie um ambiente tranqüilo para as crianças e os adultos. Ela reconhece que isso faz parte da revolução que está ocorrendo na família.

Na opinião da autora deste trabalho, pode-se pensar que a formação do filho apenas com a mãe, favorece mais o seu relacionamento futuro com a **mulher pós-moderna**. Muitos homens que ainda desejam uma ‘Amélia’, não estão preparados para incentivar no filho, a busca por uma mulher independente.

Profissão

As mulheres de hoje têm se mostrado muito fortes para alcançar seus objetivos. Conquistam seu espaço, demonstrando capacidade laboral, obtendo sucesso nas suas realizações. Nas empresas, até as décadas de 80-90, era comum perceber que, para as mulheres se afirmarem profissionalmente, tinham que superar o desempenho de qualquer homem mediano. Havia casos em que elas consideravam um elogio quando eram comparadas com um homem, em termos de competência. Talvez aí tenha surgido uma confusão de papéis, que contribuiu para eliminar o “feminino” das atitudes de muitas dessas mulheres. Elas passaram a assumir uma postura masculina para serem respeitadas e galgarem posições de comando, esquecendo, no entanto, de preservar a sensibilidade característica da mulher. Hite (2004), expõe o seu ponto de visto a respeito disso:

Vestir roupas de homem e se esconder dentro delas era uma estratégia legítima para entrar no mundo do trabalho e nas redes profissionais – e talvez ainda seja necessário. (...) Porém, afinal, para mim era importante assumir símbolos de feminilidade, como roupas que não têm como objetivo esconder ou disfarçar o fato de que tenho um corpo feminino (p.194).

Há, também, as mulheres que por não se sentirem bem imitando o modelo masculino no mundo profissional, deixaram de comportar-se como homens, vestir-se como eles, para serem respeitadas no ambiente de trabalho. Segundo Cowan&Kinder (1998, p.178): *“muitas mulheres hoje se sentem muito confortáveis em usar tanto a inteligência quanto a intuição para criar, resolver problemas, fazer negociações e lidar com empregados”*. Os referidos autores prosseguem dizendo que isso se aplica também às donas-de-casa e mães, que estão tão liberadas psicologicamente quanto as mulheres profissionais. Elas mostram-se atentas, esclarecidas, e não se sentem constrangidas em demonstrar sua força.

Cabe ressaltar que as mulheres, atualmente, podem executar uma diversidade de tarefas sem sofrer discriminações. Com uma maior participação no mercado de trabalho, é possível encontrá-las atuando em áreas, que até poucos anos atrás, eram consideradas exclusivas dos homens, como por exemplo, piloto de avião, motorista profissional (táxi, ônibus, caminhões), frentista, médica, policial, entre outras. A maioria que ocupa posições de comando em grandes empresas, o fez à custa de um excelente desempenho em relação ao apresentado pelos demais colegas - homens e mulheres.

Verifica-se, portanto, que as conquistas nas últimas décadas trouxeram suas conseqüências. As mulheres tornaram-se competitivas, mas estão submetidas a uma carga maior de estresse, devido às preocupações com carreira profissional, sucesso, dinheiro e as angústias provocadas pelas escolhas a serem feitas. Além disso, para aquelas que desejam ser mães, conciliar o desempenho dos diversos representa, ao mesmo tempo, um conflito e um desafio. Pode-se afirmar que essas são algumas das várias conseqüências da **pós-modernidade**. De acordo com Goldenberg (2000), essas mulheres enfrentam desafios e novas vivências, sentindo-se, muitas vezes, profundamente solitárias.

Na percepção de Beauvoir (1980) a mulher enfrenta dificuldades, de forma mais evidente, por ter escolhido a luta, ao invés da resignação. Para ela, “uma mulher que se empenha em viver é portanto mais dividida do que a que enterra sua vontade e seus desejos; (...) É somente comparando-se ao homem que se estimará em estado de inferioridade” (p.456)

Na opinião da autora desta monografia, para ser independente, uma mulher não precisa abandonar os elementos tradicionais caracterizados como “feminilidade”, que significa o modo de ser, pensar ou viver próprio da mulher (Aurélio, 1999). Há conceitos tradicionais do que é ser homem e ser mulher, que são válidos para os tempos atuais, sendo importante preservá-los no relacionamento. Mas isso não tem a ver com a afirmação de que é da essência da mulher ser frágil, enquanto a do homem é ser forte - o que não se confirma na vida prática. É preciso reconhecer que os dois sexos são diferentes e o melhor de tudo está em saber lidar bem com isso.

Capítulo IV – Mulheres e homens: erotismo, casamento x relacionamento

Analisando retrospectivamente, na primeira metade do século a mulher ainda era preparada desde cedo para casar, administrar o lar, cuidar dos filhos, enquanto aos homens era transmitida a idéia de que seria o provedor, tão logo formasse família. Com a evolução dos tempos houve uma mudança de paradigmas, principalmente, nas classes média e alta da sociedade urbana.

Durante o século XIX, a formação dos laços matrimoniais, para a maior parte dos grupos na população, baseava-se em outras considerações além dos julgamentos de valor econômico. Idéias de amor romântico, antes de tudo exercendo sua principal influência sobre os grupos burgueses, foram difundidas em grande parte pela ordem social. “Ser romântico” passou a ser sinônimo de cortejar , e os “romances” foram a primeira forma de literatura a alcançar uma população de massa. A difusão dos ideais de amor romântico foi um fator que tendeu a liberar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais amplos e proporcionou-lhe um significado especial. Maridos e esposas eram vistos cada vez mais como colaboradores em um empreendimento emocional conjunto, este tendo primazia até mesmo sobre suas obrigações para com seus filhos” (Giddens, p. 36)

Toscano (1998), lembra que até o final da II Guerra mundial, o amor romântico era exaltado no cinema, em particular no norte-americano, contribuindo para modificar os padrões do casamento convencional, que era baseado em interesses familiares, sem levar em conta o sentimento dos envolvidos. Assim, essa nova visão do casamento foi tomando forma, sendo apresentada em filmes e novelas que, de um modo geral, exibem esse desfecho como um “final feliz”. É importante ressaltar que ainda hoje há uma expectativa por parte do público feminino de que isso ocorra. Uma produção cinematográfica ou novelística precisa contemplar alguma dose de relacionamento dual, para que seja considerada boa. A autora prossegue dizendo que:

Estudar a influência dessa idealização do casamento nas relações homem/mulher na sociedade urbano-industrial pode ser um dos caminhos para se entender os conflitos concretos que marcam, no presente, a família e que se expressam no aumento, em ritmo acelerado, das taxas de separação e de divórcio em todas as sociedades contemporâneas (Toscano, 1998, p.103)

Outro autor que trata do papel da novela de televisão na sociedade é Nolasco (1998). Segundo ele essas produções atuam como incentivadora de expectativas, principalmente no Brasil, por alimentar a crença de que não há fronteiras entre ficção e realidade. “Como representantes do que somos e do que desejamos ser, elas se conectam a questões que nos mobilizam e emocionam” (*ibid*, p.148). Percebe-se isso claramente, ao analisar as novelas que foram exibidas no início da metade do século passado, com as exibidas já no final do mesmo século. A submissão da mulher retratada anteriormente, foi dando espaço para a igualdade e até para a disputa de poder tanto no amor, como no campo profissional. Mistura-se uma boa dose de romance, injustiça, perseguição e desencontros e obtém-se uma receita que promete agradar a maioria dos telespectadores, ávidos por um final feliz pelo menos na ficção.

Esse autor considera que a mulher executiva dos anos 90 aderiu aos símbolos de status e de poder do universo dos homens, criando uma nova representação de mulher, ao aproximar sua imagem dos ideais propagados pela nossa cultura e exibidos em novelas. Novos personagens femininos foram criados, trazendo em suas características a determinação, o espírito empreendedor, a auto-suficiência. Em contra-partida, os personagens masculinos perdem em diversidade, são mostrados como instáveis emocionalmente, ou revelam aspectos negativos que contrariam o traço moral vigente. Para o referido autor uma questão permanece: “Será que as mudanças ocorridas no papel social das mulheres, atualmente incorporadas à programação de tevê, assim o foram porque elas se mantiveram fiéis aos ideais de consumo, sucesso, competitividade e agressividade?” (*ibid.*, p.157).

Na vida real observa-se que os casamentos, antes mantidos por uma relação de subserviência da mulher ao homem, foram sendo modificados para uma relação

entre iguais, demonstrando haver mais companheirismo entre os pares. Apesar disso, ainda hoje, espera-se que a mulher tenha a responsabilidade com os afazeres domésticos e com o acompanhamento dos filhos na escola. À mulher também cabe o “sacrifício” de abrir mão da sua carreira, quando o marido recebe proposta para transferir-se de cidade ou país, por motivo de trabalho. Talvez, a disposição da mulher para enfrentar essas situações seja maior, contribuindo para esse tipo de decisão, mas há casos em que ela avalia se vale a pena o investimento emocional, em detrimento do crescimento profissional.

Se os casamentos modernos apresentam mais “companheirismo” e não são especificamente patriarcais, em larga medida as famílias continuam androcêntricas. Já que no seu seio as relações continuam a desenvolver-se em função dos homens. As famílias mudam-se em função das carreiras dos maridos e as mulheres condicionam as suas escolhas em função deles e das suas famílias. Apesar de muitos homens nos anos 80 não demonstrarem hostilidade perante o facto de as mulheres trabalharem fora de casa, existe ainda o pressuposto implícito que a mulher deve ter um emprego que lhe permita conciliar as tarefas domésticas, de forma que a vida familiar não seja afectada pela sua atividade profissional (Nogueira, 2001, p.156).

Constata-se, com isso, que todo paradigma gera suas contradições. Na prática, deparar-se com questões controversas diante dessas situações é até esperado. Vê-se que o indivíduo nem sempre procura se adequar aos modelos sociais. Às vezes é necessário que o faça, outras vezes é melhor que subverta esses modelos. Segundo Haraway (1990, *apud* Nogueira, 2001), o período pós-moderno caracteriza também a mudança nas estruturas da família, nas relações de trabalho e nas distinções de classes. Vaistman (1994, p. 18), confirma esse argumento, ressaltando que:

As formas e conteúdos de casamento e família que há cerca de duas décadas vêm se difundindo e ganhando legitimidade entre segmentos das classes médias urbanas compartilham muito dos traços que em diferentes áreas do pensamento, da arte e da cultura conformaram-se como uma tendência pós-

moderna. Na literatura, na arquitetura, nas artes e nos discursos filosóficos, nas práticas econômicas e políticas, assim como no casamento e na família, a heterogeneidade, a pluralidade, a flexibilidade, a instabilidade e a incerteza tornaram-se a regra.

Para essa autora, a transformação das relações que estruturam a família conjugal moderna abre espaço para outro tipo de família. Ela argumenta que, “entre os segmentos das classes médias onde se considera que a família tenha se modernizado, a família moderna vem desaparecendo, substituída por relações com novos conteúdos e institucionalizando-se sob novas formas” (p.18).

Erotismo e Relacionamento

Nota-se que a mudança de valores da sociedade, acabou com o grande sentimento de culpa em relação às primeiras experiências sexuais. Até a metade do século passado, era comum e esperado a mulher casar virgem. A adolescente, convencionalmente, desempenhava o papel de “inocente”, ingênua para lidar com questões sexuais. Os rapazes pareciam apreciar namorar as garotas mais recatadas, alimentando, inclusive, essa perspectiva da manutenção da virgindade até ocorrer o casamento (Giddens, 1992). Às mães cabia a incumbência de orientar suas filhas, no sentido de repudiarem qualquer avanço de ordem sexual, que pudesse ser motivo de censura ou desqualificação quanto à reputação dessas. Hoje, observa-se que essa regra está ultrapassada. Em paralelo ao movimento feminista, aponta-se a pílula anticoncepcional, que chegou na década de 60, como o marco de uma grande reviravolta no papel da mulher nas sociedades ocidentais, mudando, assim, a organização da família e a visão de futuro.

Na psicologia, os efeitos do feminismo e especificamente das diferentes teorias feministas, fizeram-se sentir no modo como se problematizaram as questões sexuais, essencialmente no domínio da psicologia social. Porque a psicologia não é “neutra”, os seus modelos e conceitos resultam de um conjunto de determinantes sociais, históricos, políticos e filosóficos que condicionam quais

os problemas que são considerados importantes e quais as interpretações mais adequadas (Nogueira, 2001, p.8).

Para Hite (2004) o que ocorre agora é o inverso da “passividade sexual” de antigamente, que faz com que as mulheres adotem uma postura dominadora e agressiva que chega a impactar. Contudo, não procuram criar nada de novo; não buscam superar a tradição ou construir uma nova sexualidade. Essa afirmativa fez surgir uma dúvida: o que seria essa “nova sexualidade”? Lamentavelmente, na obra citada a autora não define uma proposta que possa ser apresentada. Mas na seqüência do seu entendimento, ela ressalta o seguinte:

Minhas pesquisas demonstram que, no plano sexual, as mulheres sentem que ainda não se tornaram completamente “quem são” – parafraseando Simone de Beauvoir, que dizia que “não se nasce mulher, tornar-se uma”. Com efeito, ainda há uma boa distância a percorrer entre a identidade sexual das mulheres e os limites que o contexto ou a instituição lhes impõem (p.70).

Giddens (1992) é outro autor que desenvolve esse tema. Ele argumenta que, além de poder conquistar a independência financeira e social, a mulher passou a conhecer melhor o seu próprio corpo, descobrir suas zonas erógenas, deixando para trás o papel feminino voltado basicamente à reprodução e à satisfação do homem. Dessa forma, a mulher obteve o direito de exercer sua vontade sobre o prazer. Enfim, ela despertou para uma consciência de que tem a mesma necessidade de sexo que o homem. No seu ponto de vista, “a contracepção efetiva significava mais que uma capacidade aumentada de se limitar a gravidez. Associada a outras influências, já citadas, que afetaram o tamanho da família, marcou uma profunda transição na vida pessoal” (*ibid*, p.37).

Atualmente, as adolescentes sentem-se à vontade para ter relações sexuais, independente de ter um compromisso mais sério com o parceiro, como o noivado, por exemplo. Para reforçar a idéia de que o comportamento sexual mudou drasticamente, é oportuno tomar como base a pesquisa realizada por Rubin (1989, *apud* Giddens, 1992), cuja amostra envolveu quase mil pessoas heterossexuais nos

Estados Unidos, entre 18 e 48 anos de idade. Entre os resultados obtidos, observou-se que:

(...) virtualmente nenhuma garota adolescente fala em 'se guardar' para o noivado e para o casamento. Em vez disso, falam uma linguagem de romance e compromisso que reconhece a natureza potencialmente finita de seus envolvimento sexuais anteriores. (...) A maior parte dos jovens não fica junto por muito tempo. Mas não temos vontade de estar com ninguém mais enquanto estamos juntos. Isso é um compromisso, não é? (ibid., p.19).

Essa mudança do comportamento sexual das mulheres nas últimas décadas demonstra uma menor preocupação da parte delas em relação aos estigmas sociais; as relações efêmeras, sem compromisso, tornam-se mais comuns. Sentem-se menos pressionadas, socialmente, à constituição de uma família, mantendo um comportamento sexual mais liberal. Giddens (*ibid*) interpreta que o fato das adolescentes não falarem muito sobre o casamento, como ocorria no passado, “*não é por terem realizado uma transição bem-sucedida para um futuro não-doméstico, mas porque são participantes, e colaboradoras, de uma reorganização importante por que realmente passa o casamento e outras formas de vínculo pessoal próximo*” (*ibid.*, p.68).

Esse panorama deixa transparecer a superficialidade das relações nesses tempos atuais. Bauman (2003) aborda a questão das relações flexíveis, que provoca níveis de inseguranças cada vez maiores. O autor discorre sobre os relacionamentos em “redes”, que são construídos e desfeitos com a mesma facilidade, muitas vezes mantendo-se, apenas, no contato virtual. Afirma ainda que, as pessoas não sabem mais manter vínculos afetivos a longo prazo, sendo essa uma das características da era da modernidade líquida.

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e freqüentemente se acredita) que as habilidades do fazer

amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências; que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante quanto a que virá depois (ibid., p. 19).

Percebe-se numa conversa informal, que as mulheres, de um modo geral, afirmam gostar desse modelo atual, que tem como base a superficialidade, pois sentem-se livres para fazer suas escolhas. Será? Afinal, quantas dessas escolhas são feitas para atender a um “vazio” incômodo, que insiste em ser preenchido com um “objeto de amor” que ainda está por vir?

Parece que há uma dificuldade permeando a vida das pessoas, quanto ao fortalecimento de laços afetivos. Cowan & Kinder (1998) defendem a idéia de que a intimidade é evitada na prática por muitos homens e mulheres, porque eles acreditam que o amor, maravilhoso como é, pode causar intensas sensações de rejeição, abandono e perda. Por isso, eles recomendam que pessoa se aceite e se ame primeiramente. Dificilmente uma pessoa pode sentir-se segura e confiante sem ter consciência dos seus pontos positivos e negativos. Isso facilita o reconhecimento do seu próprio valor, permitindo que seja conhecida por outras pessoas de forma mais confortável.

Mulher independente x relacionamento amoroso

Alguns homens têm uma percepção distorcida em relação às mulheres independentes, auto-suficientes. Para eles, elas são controladoras e desempenham um papel “masculino”, que causa incômodo e até assusta. Uma das queixas é de que elas não conseguem lidar com a feminilidade, generalizando isso para o ambiente familiar, mantendo o mesmo comportamento no espaço público e no espaço privado. Será que a postura de competição, alimentada pelo mercado, pode estar inibindo possíveis candidatos a um relacionamento amoroso? Há uma probabilidade de que isso seja verdadeiro. Parece existir por parte dos homens um certo receio frente à maneira como as mulheres lidam com essa independência, que

as tornam mais seguras de si até em termos sexuais. Por outro lado, Goldenberg (2000) defende a idéia de que:

É essa liberdade para escolher entre uma multiplicidade de caminhos, e a conseqüente responsabilidade que ela acarreta, que parece assustar homens e mulheres. Eles (e elas) demonstram ter medo de perder as regras e classificações que tornavam relativamente fácil saber como se comportar, o que desejar e que papéis cumprir. Hoje, tanto as opções afetivo-sexuais quanto as profissionais são infinitas, e as escolhas podem provocar um verdadeiro pânico do desconhecidos, ou podem ser vividas como uma deliciosa aventura (p.35).

Notadamente, os homens que vivem em regiões urbanas, afirmam que são mais abertos a relacionamentos com mulheres que possuam características como inteligência, dinamismo e independência. No entanto, diante de tantas queixas femininas de que isso não é verdadeiro, do tipo: subjugação, humilhação, perda de controle, entre outros sentimentos fica a dúvida se essa aceitação é real. Será que eles admitem esse tipo de relacionamento, mas no íntimo sentem um certo receio dos 'efeitos colaterais' que possam surgir no futuro? Para Cowan & Kinder (*ibid.*) os homens quase sempre detestam ter que dar o primeiro passo, por receio de serem rejeitados. Inclusive, esses homens consideram um elogio e um alívio quando as mulheres tomam a iniciativa do contato. Esses autores afirmam que:

Quando o homem vivencia o amor e a aceitação consistente, ele aos poucos se torna mais aberto. Fica menos cauteloso e resguardado, menos assustado em ser julgado asperamente ou visto como deficiente. Todos os homens têm pavor de se perceberem carentes de qualidades em alguma área importante. A aceitação permite que o homem se sinta "mais" em vez de focalizar a preocupação masculina comum de ser exposto como "menos" (p.165).

Pode-se perceber que o mito de que as mulheres fortes intimidam os homens e causam hostilidade ainda existe. Paralelo a isso, as mulheres não percebem que há um número crescente de homens que procuram uma mulher para apoio emocional, assim como para inspiração. A união entre um homem e uma mulher

inspiradora é, segundo Cowan & Kinder (1998), a mais poderosa e duradoura de todas as uniões. Essa mulher tem o dom de cativar o homem, confortá-lo e fasciná-lo ao mesmo tempo.

Ainda de acordo com esses autores, uma nova fase é iniciada. As mulheres fortes e bem sucedidas, apresentam-se superiores aos homens em muitos aspectos que envolvem conhecimento, capacidade financeira e sabedoria em relação aos diversos modos de funcionamento do mundo. No passado isso já podia ser notado, mas agora elas sentem que podem mostrar sua força.

Os homens também estão começando a reconhecer os poderes intuitivos da mulher e seu valor no campo profissional, Enquanto o homem tende a ser exageradamente racional e lógico, as mulheres em geral são mais capazes de conciliar pensamento racional com intuição e sensibilidade na linguagem do corpo das pessoas e nas entrelinhas do que elas dizem (ibid, p.178).

No ponto de vista da autora desta monografia, afirmar a superioridade da mulher em relação ao homem é questionável. Afinal, para que serve esse tipo de posicionamento? Quais os benefícios disso? Possivelmente, irá suscitar críticas, gerar polêmica e reforçar preconceitos, sem trazer reflexões mais consistentes que propiciem um maior entendimento das diferenças entre homens e mulheres.

Uma dúvida crucial ainda permanece: o que deseja de fato para relacionamento a mulher bem sucedida e ainda solteira? Parece que o desejo maior é encontrar um parceiro com quem possa compartilhar suas vivências, receber e dar carinho. Mas, além disso, deseja que esse parceiro saiba escutar suas histórias e também falar de suas emoções. Goldenberg, expressa isso de forma contundente, quando afirma que:

As mulheres estão mostrando que não precisam mais de um homem para sustentá-las economicamente, protegê-las fisicamente ou para construir uma família segura e confortável. O que querem é um parceiro que saiba trocar afetivamente, goste de ouvir suas histórias e falar de suas emoções. Alguém

que possa ser, acima de tudo, seu melhor amigo. E se ainda for gentil, sensível e a faça rir...seria pedir demais? (Goldenberg, 2000, p.220)

Para atingir esse ideal, precisamente há algum trabalho a ser feito com o objetivo de alterar a natureza de muitos homens, desenvolvendo características do “feminino” . Sabe-se que falar sobre emoções, compartilhar os problemas e angústias não é algo natural para eles. De qualquer forma, já é possível perceber que existem homens preocupados e interessados em promover uma relação mais saudável. Certamente, eles têm encontrado apoio nas suas companheiras para isso.

No lugar das antigas categorias utilizadas pelas feministas, e disseminadas para a sociedade em geral – como luta por igualdade e reivindicação dos direitos da mulher -, temos hoje novas idéias que expressam melhor o que efetivamente ocorre no cotidiano de um casal, como respeito às diferenças e ao espaço do outro, negociação diária, diálogo permanente, troca, crescimento mútuo. Muito mais do que modelos sociais a serem reproduzidos, homens e mulheres procuram “inventar” suas formas de parceria amorosa. Casar, separar, casar de novo, namorar, “cada um na sua casa”, ter um amante, ter um filho sem casar...São tantas as possibilidades que a escolha parece cada vez mais difícil (Goldenberg, 2000, p.120)

Aquela mulher que consegue casar-se com um homem de boa condição social, que proporciona uma vida de “rainha” para sua esposa, ainda desperta inveja de outras mulheres. Essas dizem que não acreditam em príncipe encantado, quando na verdade, tudo que desejam é encontrar o homem perfeito. Cowan&Kinder (1988) alertam essas mulheres: eles dizem que o príncipe encantado não existe. Só que parecem entrar em contradição em seguida, quando afirmam que poderá ser encontrado um homem que ofereça muito mais. Ou seja, novamente não se cria uma esperança de que exista um homem que atenda a todos os anseios de uma mulher?:

Os homens não são cavaleiros em armaduras brilhantes. Eles têm falhas e muitas vezes algumas bem complexas. É uma afirmação nossa que muitas mulheres, até mesmo hoje em dia, queiram uma variação do príncipe. Um

homem que seja forte, mas ao mesmo tempo sensível, heróico mas carinhoso, que tenha energia para surpresas românticas, mas que ainda domine o mundo do trabalho. Seria tudo, se pudesse ser verdade. Tal super-homem não existe. Mas se você desistir de ter um príncipe, nós prometemos que o homem que você vai encontrar vai lhe oferecer muito mais (p.156).

Eis o conflito que as mulheres de hoje vêm enfrentando. Ao mesmo tempo em que desejam ser independentes, muitas delas querem ter um companheiro que cuide de tarefas consideradas, tipicamente, masculinas, tais como: trocar uma lâmpada em casa, cuidar da manutenção do carro, troca de pneus, troca de óleo etc. Além disso, querem ser surpreendidas com gestos românticos, receber cuidados e carinho, mesmo quando o dia do parceiro foi difícil. Enfim, desejam ser o centro das atenções na vida do outro. Isso demonstra que seus ideais de relacionamento estão voltados, ainda, para o amor romântico. Sob esse aspecto, Nogueira (2001), comenta que:

As feministas sempre desejaram combinar o amor e o comprometimento, o cuidado e a liberdade de formas menos opressivas para as mulheres. Da mesma maneira, todas reconheciam a necessidade de mudanças sociais, políticas e econômicas, de forma a produzir-se uma verdadeira transformação social sobre os problemas da maioria das mulheres, problemas que essencialmente se focalizam na combinação da vida familiar e da vida profissional (p.157).

As reflexões feitas até o momento indicam que, de um modo geral, a mulher está disposta a ser independente, profissionalmente realizada, mas não renuncia à idéia de casar com um homem 'modelo' e formar uma família. Esse ponto parece um tanto contraditório. Ela quer um homem amoroso, sensível, companheiro, com quem possa dividir as tarefas domésticas, a educação dos filhos. Ao mesmo tempo, quer que ele tenha atitude, que assuma o comando, que seja guerreiro, que tome a frente, liberando-a desse "fardo" de decidir, enfrentar, conduzir situações do

cotidiano. Goldenberg (2000), reflete sobre as angústias geradas a partir desse tipo de expectativa, afirmando que:

Encontramos hoje, na cultura brasileira, uma multiplicidade de comportamentos e desejos masculinos e femininos, muitos convivendo nos mesmos indivíduos, o que gera conflitos e angústias. No caso das mulheres, algo como sonhar com príncipe e ser totalmente autônoma economicamente, ter a vidinha tranqüila de uma Amélia e toda a liberdade sexual de Leila Diniz (p.36).

Além disso, é comum ouvir em conversas informais entre mulheres o mesmo discurso, que poderia até virar anúncio do tipo: “busco no relacionamento alguém que valorize e compartilhe sentimentos; que tenha objetivos semelhantes, que deseje construir uma relação sólida, duradoura, permeada por amor, carinho, respeito e fidelidade”. Essas mulheres até acreditam que boa parte dos homens solteiros também deseja isso, mas não conseguem na prática; sentem vontade, mas tem medo de assumir, de compartilhar sentimentos.

Silva (2000) considera que o homem companheiro das mulheres é aquele que tenta captar a essência da alma feminina, já tendo se libertado “ao menos parcialmente, da sofrida obrigação de desempenhar o papel de macho” (p.91) . Homens como esse, demonstram respeito pelas mulheres, apesar de desejá-las. Eles conseguem “vivenciar uma troca, uma intimidade e uma ternura que não excluem o tesão e o sexo” (*id.*)

Conclui-se, portanto, que há um desencontro nos relacionamentos, provocado pelos desejos diferentes de um e de outro parceiro. O uso da sabedoria, entendida aqui como a capacidade de dialogar, de negociar e fazer concessões quando for necessário, sem entrar em disputa de poder, deve ser incentivado na mulher. Dessa forma, haverá uma facilidade no desenvolvimento das relações interpessoais, devido a ausência da sensação de ameaça ou de competição, que por vezes costuma comprometer o sucesso dos relacionamentos atuais.

Capítulo V – Mulher x Homem: aparência / forma física

Uma das características da pós-modernidade é a estética. A década de 90 marcou uma maior valorização estética, fazendo do culto à forma física um dos objetivos da mulher. O corpo tinha que ser malhado, firme, torneado, para ser admirado. Havia também a regra de “não envelhecer”, levando muitas ao exagero no esforço físico e, também, no uso de recursos cosméticos, dermatológicos e até cirúrgicos para melhorar a aparência.

Goldenberg (2004) menciona que, também entrou na cultura de culto ao corpo, ao consultar um dermatologista naquela ocasião, tornando-se uma grande consumidora de produtos de estética. Segundo suas palavras (p.29):

Além de me recomendar o uso de diferentes cremes, hidratantes, loções, ácidos, esfoliantes, filtros, sabonetes, vitaminas, o especialista, ao me examinar, disse categoricamente: “Por que você não faz plástica para tirar o excesso das pálpebras? Por que não coloca preenchimento nos sulcos ao redor dos lábios? Você vai rejuvenescer dez anos !” Seu tom imperativo me soou como uma verdadeira acusação: “Por que você não quer ficar dez anos mais jovem? Você é culpada por estar envelhecendo!” Durante quase um ano vivi o dilema: faço ou não faço plástica? Coloco ou não o preenchimento nos sulcos dos lábios? Botox ou não botox na testa?”

É interessante notar que Beauvoir (1980) já retratava essa preocupação com a estética em sua obra, conforme transcrição a seguir:

Hoje, mais do que outrora, a mulher conhece a alegria de modelar o corpo pelos esportes, a ginástica, os banhos, as massagens, os regimes; a estética moderna permite-lhe integrar qualidades ativas em sua beleza: tem o direito a músculos exercitados, impede a invasão da gordura; na cultura física ela se afirma como uma pessoa; há, para ela, uma espécie de libertação da carne contingente; mas, essa libertação retorna facilmente à dependência. A “estrela” de Hollywood triunfa sobre a natureza, mas reencontra-se como objeto passivo nas mãos do produtor (p.303).

Esse consumo feminino dos cosméticos, massagens, e idas constantes aos salões de beleza, academias, apontam para uma preocupação com a estética e a importância que esta tem nos relacionamentos afetivo-sexuais. Além disso, observa-se que essa atitude de culto ao corpo está ligada à própria cultura, que tem como influência a valorização da aparência, da juventude. Segundo Goldenberg (2004) isto parece demonstrar que a pessoa que se torna “refém” desses recursos sente uma certa insegurança, pois está sempre usando a estética como arma de conquista, em detrimento de outros atributos, como por exemplo, inteligência, charme, bom humor e outros. Já Silva (2001) considera que :

O pior, porém, é conviver com a certeza da efemeridade da beleza e com a angústia do envelhecimento. É muito difícil para a mulher bela envelhecer, e não é por acaso que costuma ser tão triste o ocaso dos símbolos sexuais. Como diz Wolf, a beldade morre duas vezes: em vida, com a morte da beleza, e depois, quando seus corpos morrem de fato. As marcas do tempo no rosto das mulheres são vistas como evidência de decrepitude e declínio. No dos homens, como sinais de maturidade, personalidade, vida vivida. E encantam muitas mulheres, inclusive as jovens. Se o envelhecimento é cruel para todos nós, o mito da beleza o torna ainda mais cruel para as mulheres, em especial as muito belas (p.103).

Mas, afinal, qual o tipo de corpo ideal? Homens e mulheres têm visões diferenciadas quanto a isso. As mulheres, normalmente, usam como referência as modelos super-magras, esqueléticas, como por exemplo, *Claudia Schiffer, Linda Evangelista, Gisele Bündchen* e outras. Já contrapondo a esse gosto, os homens (brasileiros), preferem as mulheres ditas ‘gostasas’ como por exemplo *Sheila Carvalho, Luma de Oliveira*, que se distanciam muito do padrão das magérrimas que desfilam pelas passarelas. Esse padrão estético do “ser magro”, que é cultuado por boa parte do mundo, principalmente pela juventude feminina, tem como consequência uma epidemia de distúrbios alimentares como anorexia e bulimia. (*ibid.*)

Talvez, uma das principais frustrações das mulheres seja a apologia do corpo perfeito. Goldenberg (*ibid*) considera isso um retrocesso no processo de emancipação feminina. Nos anos 70, elas eram um pouco mais livres neste sentido. Após a década de 80, elas tornaram-se “escravas” das dietas, ginásticas, plásticas, em busca de um modelo de beleza inalcançável.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o brasileiro, especialmente a mulher, se tornou o povo que mais se submete a cirurgias com finalidade estéticas. Leila Diniz, que foi uma pioneira ao desfilas sua barriga de grávida em um biquíni, em 1971, mostrava o espírito da mulher carioca daquela época: sedução, prazer, liberdade, sexualidade, alegria, espontaneidade. Seu corpo era voltado para o livre exercício da sexualidade, exibindo à luz do sol, sua beleza e plenitude. Nesta era pós-moderna, as mulheres se controlam, se mutilam, vivem malhando e ainda preferem a escuridão para esconder suas imperfeições.

Em pouco mais de três décadas, assistimos a uma grande transformação do corpo carioca: do exercício do prazer à busca da perfeição estética, da liberdade à submissão aos modelos, do erotismo à falta de desejo. ... Talvez seja o momento de pensar mais criticamente sobre os valores que influenciam determinados comportamentos femininos. (...) É no mínimo estranho pensar que, após décadas de lutas femininas pela liberação da opressão e pelo pleno exercício do prazer, após Leila Diniz se tornar um modelo de sexualidade revolucionária com seu corpo grávido exibido nas praias cariocas, muitas mulheres se submetam a um novo tipo de prisão. Só que desta vez é mais difícil afirmar quem são (e derrotar) os verdadeiros carcereiros (Goldenberg, 2004, p. 48-49).

Santos (2003) alerta para os efeitos da lógica consumista que impera nas sociedades capitalistas nos dias de hoje, bem como para as tentativas de se romper com o dilema em que se encontra boa parte da população mundial: não está dentro da sociedade de consumo e tampouco fora dela. Cabe aqui um outro tema para

reflexão: exibe-se nos dias de hoje um modelo de beleza padrão a ser alcançado pelo público feminino, refletido no apelo exagerado ao consumo de roupas da moda, cremes e tratamentos cosméticos que visam conservar a juventude por mais tempo, fórmulas “mágicas” para manter o corpo esbelto e outros recursos que retratam uma preocupação maior com a mulher. Isso, provavelmente, não acontece ao acaso, já que observa-se um **potencial consumista feminino**, significativamente, maior em relação ao masculino.

Embora os homens também estejam, atualmente, cuidando mais do corpo, ainda não chegaram ao sacrifício que as mulheres fazem. Esse culto demasiado à estética corporal, tem uma outra conseqüência para as mulheres: a falta do apetite sexual. Goldenberg (*ibid.*, p. 44) menciona em sua obra os resultados de uma pesquisa sobre o tema, como segue:

Esta realidade também foi encontrada em uma recente pesquisa nacional sobre a vida sexual dos brasileiros, com 3.000 homens e mulheres, de todas as classes sociais, coordenada por Carmita Abdo, do Projeto Sexualidade, do Hospital das Clínicas de São Paulo. Um dos maiores problemas encontrados foi a falta de desejo: 35% das mulheres pesquisadas não sentem nenhuma vontade de ter relações. Um dos principais motivos dessa falta de desejo é uma questão cultural que inibe a libido: a angústia de não corresponder à imagem da mulher com o corpo perfeito que aparece nas revistas e nas propagandas de TV.

Já Nolasco (1998) alerta para o espaço que a televisão vem ocupando no panorama de consumo contemporâneo. Em relação às novelas, ele afirma que são responsáveis pela criação de padrões de comportamento virtuais, baseados na valorização de bens materiais, estimulando o consumo. Ele enfatiza, ainda, que facilidades encontradas ao acionar do controle remoto, alimentam o universo do telespectador de tal forma, com tantas opções colocadas à sua disposição, que há uma mistura entre ficção e realidade. “Essa busca frenética de múltiplas sensações e situações novas revela um sujeito que se alimenta da dispersão causada pela

muitas imagens e da falta de consistência entre elas, bem como do excesso de informação, que dificilmente poderá ser sistematizada” (idem, p.149).

Os cuidados com a beleza e com a forma física se estendem ao trato das roupas e vestidos. Quantas mulheres já desistiram de ir a uma festa, justamente por não ter um vestido “maravilhoso” para usar naquele evento? Isso ainda tem o seu valor nos dias de hoje para muitas. A questão é: para quem a mulher se veste? Beauvoir (1980) aborda essa questão, dizendo que embora algumas afirmem que pensam apenas em si mesmas quando se vestem, vê-se que o olhar de outrem se acha implicado nesse cuidado com a aparência. Ela prossegue afirmando que: “Através dos sufrágios de inveja ou admiração, a mulher busca uma afirmação absoluta de sua beleza, de sua elegância, de seu gosto: de si mesma. Veste-se para se mostrar: mostra-se para se fazer *ser*” (p.305).

Conclusões

A afinidade entre o feminismo contemporâneo e a teoria pós-modernista parece residir no facto de partilharem um profundo cepticismo sobre as reivindicações universais, acerca da existência, da natureza e do poder da razão, do progresso, da ciência, da linguagem, de um self único e unificador (Flax, 1990, apud Nogueira, 2001, p.159).

A emancipação feminina trouxe à tona as possibilidades criativas da mulher, sua subjetividade “desvencilhada” dos propósitos conservadores da sociedade e da religião, sua capacidade para o auto-sustento, entre outros aspectos. Com isso, ela precisou enfrentar situações críticas em família, cobranças rígidas quanto ao seu desempenho profissional, cobranças muitas vezes explícitas e outras veladas quanto ao seu sucesso nos relacionamentos amorosos, ou ainda quanto à formação de uma família .

Pode ser observado, em tempos pós-modernos, que a mulher busca um equilíbrio no desempenho dos seus papéis. A sociedade ainda alimenta a expectativa de que a mulher case e tenha filhos. Quanto à maternidade, nada mais natural, pois assim garante-se a perpetuação da espécie. Já em relação ao casamento, existe algo de “sonho” com o rito em si, ainda partilhado por muitas jovens, reforçado pelos seus familiares que cultivam os valores tradicionais.

É importante notar que várias mulheres, na faixa etária dos 25 aos 40 anos, consideram que maternidade deixou de ser, necessariamente, o destino delas. Orientadas para os estudos, busca da autonomia financeira e sucesso profissional, preferem dedicar-se com afinco a esses objetivos, que no entender delas propicia opções de vida muito mais amplas. Vaistman (1994, p.131) traduz bem essa visão quando diz que: “Ser exclusivamente esposa e mãe tornou-se por demais limitado para constituir-se no único projeto de uma vida, diante de um mundo cheio de possibilidades”.

Com relação à formação da identidade da menina, também foi percebida a necessidade de que a sexualidade seja tratada de forma diferente. É comum ouvir relatos de adolescentes e jovens adultas que sentem dificuldade em conversar com suas respectivas mães sobre temas ligados ao assunto. Hite (2004) é taxativa em relação a isso, quando diz que: "...cada mãe deve construir por iniciativa própria uma nova forma de se comunicar com sua filha, em geral revelando informações pessoais sobre suas próprias experiências e percepções sexuais" (p.123). Entretanto, a referida autora reconhece que isso não é fácil.

Outro aspecto observado a partir da emancipação feminina, relaciona-se à retirada da expectativa que recaía sobre o homem, a quem cabia o papel de provedor exclusivo da família. Atualmente, a mulher que tem uma atividade profissional, já contribui na renda familiar de forma significativa. No Brasil, a alteração do Novo Código Civil procurou acompanhar essas mudanças. Aliás, é comum encontrar hoje situações em que o homem cuida da casa, enquanto a mulher provê a família. Muraro (2002) menciona dados do Censo do IBGE de 2000, que identificou o seguinte número: um total de 22,5 milhões de homens desempregados cuidam da casa, enquanto a mulher sai de casa para trabalhar. Tempos atrás isso era incomum, ou seja, mesmo que o homem ficasse desempregado, a mulher trabalhava fora e ainda tinha que dar conta dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos, já que isso era, e ainda é, em muitos casos, visto como obrigação feminina.

No tocante às exigências de padrão de beleza e manutenção da juventude, reconhece-se que a preservação da saúde em todos os seus aspectos deve ser levada em consideração. Dietas, tratamentos estéticos e cirurgias plásticas até podem apresentar efeitos benéficos, principalmente em termos psicológicos. Contudo, tornar-se escrava disso representa um risco de viver, eternamente, insatisfeita com sua própria aparência, refletindo negativamente nas relações interpessoais de um modo geral. Para Hite (2004), que refuta clichês quanto ao 'envelhecimento da mulher', condenando os estereótipos, que a seu ver, fazem muito mal e não tem bases de qualquer natureza:

É extremamente importante que hoje as mulheres saibam que têm liberdade para descobrir quem são em qualquer idade, para fazer suas escolhas e reivindicar sua identidade sexual, para criar novos modelos de feminilidade. (...) Cada mulher precisa descobrir sua verdade própria. Ao fazerem isso, as mulheres criarão um novo espaço para si mesmas e para os outros – incluindo suas filhas quando crescerem e se tornarem, por sua vez, mulheres maduras (p.166-167).

Já em termos de relacionamentos identifica-se um conflito vivido por mulheres que estão na faixa etária dos 25 a 40 anos e permanecem solteiras. Nesse ponto, cabe destacar, que a autora da monografia refere-se àquelas que vivem em grandes metrópoles, estão estabilizadas profissionalmente e desfrutam de independência financeira. Muitas dessas mulheres, embora afirmem que o casamento e a maternidade não são prioridades em suas vidas, sentem presente “internamente” o desejo de realizar-se também sob esses aspectos. Talvez por isso, boa parte das relações atuais espelhe uma evolução para um entendimento maior entre os parceiros. Goldenberg (2000) afirma que apesar das modificações que afetam a forma tradicional de casamento, esse se constitui em um problema que é sentido de forma diferente por homens e mulheres. De acordo com a referida autora:

“Hoje, mais do que nunca, homens e mulheres são quase iguais; escolhem-se mais livremente; podem muito mais facilmente separar-se; há entre o casal menor diferença de idade e de cultura do que antes; cada parceiro reconhece com maior boa vontade a autonomia e o espaço que o outro reivindica; algumas vezes partilham em igualdade de condições os cuidados da casa e dos filhos, têm amigos, prazeres e distrações comuns. A mulher não passa mais os dias em casa esperando a volta do marido; o marido não espera ser o único responsável econômico da família nem alguém que deve ser sempre forte e potente” (p.121).

Observa-se, no entanto, que saber administrar a relação, permitindo que as individualidades sejam preservadas e até expressadas, parece ser tarefa difícil, principalmente, para a mulher. Segundo Matos (2000), na obra “Reinvenções do Vínculo Amoroso”, que resume sua tese de doutorado sobre o tema, as mulheres

entrevistadas demonstraram um “cuidado maior com a relação”, conversando, discutindo, negociando. Em contra-partida, a autora identificou nessas mulheres a manutenção de um “monitoramento pessoal (relatório cotidiano sobre as atividades realizadas fora da vista do parceiro)” (p.175). Isso possibilita levantar muitas hipóteses, que na verdade têm a ver com a “suposta” infidelidade dos homens.

Para Goldenberg (*ibid*), não há prescrições morais na fidelidade valorizada pelos casais, e sim uma “disposição consciente de pessoas que se amam, que exigem direitos iguais no domínio da sexualidade e que têm medo de destruir um relacionamento amoroso em função de uma aventura” (p.121). Este é um argumento válido, pois considera-se que a preservação de uma relação saudável, que traz benefícios para ambos ao pares, deve ser baseada em respeito e confiança. No entanto, há maiores expectativas por parte do casal, consideradas quase impossíveis de realizar. Como consequência disso, os casamentos são mais facilmente desfeitos. “Acontece o que pode ser chamado de casamentos monogâmicos sucessivos, nos quais os pares são fiéis e vivem intensamente tudo de forma partilhada, mas cuja duração não ultrapassa alguns poucos anos” (*ibid*, p.122). Já de acordo com Hite (2004, p.151):

As pessoas, atualmente, preocupam-se com a qualidade de seu casamento ou de sua relação pessoal. Por todos os motivos, querem viver de uma maneira que as faça felizes e reconhecidas pela sociedade, mas ao mesmo tempo pretendem que sua relação reflita qualidades de que possam se orgulhar, como a honestidade, igualdade e o respeito mútuo. Mas inúmeros são aqueles que ficam divididos entre o que deveriam fazer e o que consideram certo, entre a conformidade à família reputada normal e a criação de novos tipos de relações.

Nesse ponto, Vaitsman (1994, p. 19) reforça que a família conjugal moderna não desapareceu, muito menos foi substituída, mas convive hoje com outros modelos destituídos de um padrão preestabelecido. “De maneira mais precisa, o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas” (p. 19).

O fato é que a mulher lutou por direitos iguais. Depois, quis se libertar de todos os paradigmas e preconceitos masculinos. A luta foi tão longa que se estende até os dias de hoje. Mas parece que, após tantas conquistas, as mulheres que seguiram essa trajetória perceberam que ficaram fora de casa por tempo demais. É hora de recuperar antigos hábitos femininos sem, é claro, retroceder. A força demonstrada por elas, pode e deve ser dosada com a suavidade, tão peculiar à mulher. Não é necessário portar-se como um homem para ser valorizada. O importante é saber usar com sabedoria os atributos desenvolvidos ao longo do tempo, evitando a competição ou a comparação, que prejudicam os relacionamentos. Quanto ao futuro, Goldenberg (2000) traz em sua obra uma citação de Friedan (1983, *apud ibid.*), que embora seja de uma feminista americana, merece ser refletida:

Cuidado com o retorno da nostalgia dos dias simples em que a mulher não tinha escolha. Em meio ao medo e até ressentimento das difíceis escolhas que a mulher enfrenta hoje, cuidado com a tentação de acreditar que é possível, e desejável, retroceder. Precisamos formular novas perguntas para nos livrar de conflitos desnecessários antes de poder resolver problemas reais dos quais nos esquivamos sustentando ilusões de escolha onde a escolha não existe. É perigoso para as mulheres se iludirem de que há uma escolha real que pode evitar os problemas complexos que encaram hoje em dia ao tentar uma nova configuração para a família, para o trabalho e para o amor (p.114).

Conclui-se, portanto, que a emancipação feminina desencadeou um processo sem volta nos papéis sociais desempenhados pelas mulheres. No campo acadêmico há a presença marcante e cada vez maior das mulheres, buscando crescimento pessoal e profissional. Na política elas demarcam seu espaço e demonstram suas competências em termos de negociação e conciliação. Não se sentem intimidadas diante de oposições partidárias, nem diante do sexo oposto. No âmbito profissional pode-se observar um número infinitamente maior de mulheres que ocupam posições de comando, que gerenciam equipes compostas, na sua maioria por homens e parecem lidar bem com essa situação, obtendo o respeito e a admiração de muitos.

Apesar disso, ainda sentem dificuldades em encontrar o equilíbrio quando se trata de relacionamentos amorosos.

Durante o período de elaboração desta monografia observou-se a quantidade de matérias exibidas em revistas de grande circulação (não somente dirigidas ao público feminino), explorando temas relacionados à nova condição da mulher. Além disso, foi exibida, recentemente, uma série de reportagens em um canal aberto de TV, abordando o tema. Isso denota uma crescente preocupação da sociedade com os rumos que a pós-modernidade parece delinear.

Para a autora deste trabalho a pesquisa bibliográfica desenvolvida trouxe novas reflexões sobre o 'feminino', além de despertar um desejo de conhecer mais a fundo o que pensa o homem a respeito de todas essas transformações vivenciadas pela mulher, ocorridas ao longo do tempo. Sugere-se, portanto, que sejam desenvolvidas mais pesquisas, com o objetivo de traçar um perfil da mulher e, também, do homem no início deste século, para tentar identificar os impactos na postura dessas pessoas diante do mundo, decorrentes das transformações constatadas pela pós-modernidade. Acredita-se que, a partir disso, possivelmente, outros pontos ainda obscuros e passíveis de estudo poderão ser revelados.

Referências Bibliográficas

- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (2003). *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Cowan, C.& Kinder, M. (1987). *Mulheres que atraem os homens e mulheres que os afastam*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Giddens, A. (1992). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP.
- Goldenberg, M. (2000). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record.
- _____ (2004). *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record.
- Hall, S. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade* (9.ed.). Rio de Janeiro: DP&A .
- Harvey, D. (1989). *Condição Pós-Moderna* (13.ª ed.). São Paulo: Loyola.
- Hite, S. & Barraud, P. (2004). *O Orgulho de ser mulher*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Leite, M.P.S. (1996). *O homem supérfluo, o pai necessário*. Em J. Forbes (org.). *Psicanálise: Problemas ao Feminino*. Campinas: Papirus.
- Matos, M. (2000). *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: UFMG.
- Muraro, R. M. (2002) *A Mulher no Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Nogueira, C. (2001). *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Gênero - Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*", Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Nolasco, S. (1998). *Representações Masculinas e Femininas na Televisão – Feminino / Masculino no imaginário de diferentes épocas*. Jacobina, E. & Kújner, J. (Orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Santos, B. S. (2003): *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade* (9ª ed.). São Paulo: Cortez.

Silva, M. A. D. (2001). *Todo Poder às Mulheres* (3ª Ed.). São Paulo: Best Seller.

Toscano, M (1998). *Cem Anos de Cinema: Um Espaço para a Mulher – Feminino / Masculino no imaginário de diferentes épocas*. Jacobina, E. & Kújner, J. (Orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Von Koss, M. U. E. (2000). *Feminino + Masculino - Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo: Escrituras.